



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.

ELIMAR AKAY SAW

JOSÉ LINDOSO SAW MUNDURUKU

**DESAFIOS DO LETRAMENTO NA ESCOLA INDÍGENA NOS ANOS
INICIAIS: Análise na EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará**

ELIMAR AKAY SAW

JOSÉ LINDOSO SAW MUNDURUKU

**DESAFIOS DO LETRAMENTO NA ESCOLA INDÍGENA NOS ANOS
INICIAIS: Análise na EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

SAW, Elimar Akay & MUNDURUKU, José Lindoso Saw.

DESAFIOS DO LETRAMENTO NA ESCOLA INDÍGENA NOS ANOS INICIAIS: Análise na EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará: CLPL da FAI, 2022.

56 fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2022.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

I - Letramento. Educação. Aprendizagem II Lucia Maria da Costa Cruz. Faculdade de Itaituba- FAI. Itaituba-BR- Pará/2022

JOSÉ LINDOSO SAW MUNDURUKU

**DESAFIOS DO LETRAMENTO NA ESCOLA INDÍGENA NOS ANOS INICIAIS:
Análise na EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz. Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ **Nota:** _____
Profa. Lucia Maria da Costa Cruz. Esp.

Avaliador (a) _____ **Nota:** _____
Prof.^a. Margaret Ferreira de Aguiar, Esp.

Avaliador (a): _____ **Nota:** _____
Prof.^a. Edilane da Silva Ferreira, Esp

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 08 de Julho de 2022.

Dedico a Deus pelo seu infinito amor e à
minha família pelo apoio incondicional nos
momentos difíceis

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua supremacia.

A minha família pelo apoio incondicional e compreensão nas minhas ausências nos períodos universitários.

Aos professores da Faculdade de Itaituba- FAI, por me ajudar em conceber conhecimentos que servirão para a minha vida.

À minha orientadora. Por ter me ajudado a chegar até aqui, na defesa deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus colegas e amigos que construí durante do curso de Pedagogia, que muito me ajudaram nos momentos difíceis.

A todos que me ajudaram para eu chega a esta vitória, meus cordiais agradecimentos.

“A escrita da criança não resulta de simples cópia de um modelo externo, mas é um processo de construção pessoal”.

(Emília Ferreiro)

RESUMO

Para a produção deste trabalho, utilizou-se de procedimentos metodológicos que consistiram em uma pesquisa teórica para embasamento, com autores específicos como (FREIRE, 1996), (GUERRA, 2002), (STERNBERG, R. J., & GRIGORENKO, E. L. (2003), (SIMONETTI, 2007), (SOARES, 1998) dentre outros e uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa em Abril de 2022, onde analisou-se desafios do letramento na escola indígena EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará. As questões norteadoras foram: Quais são as dificuldades para o letramento de crianças indígenas nos anos iniciais? Compreender causas dos problemas na cognição da criança indígena na Educação Infantil? Quais metodologias os professores utilizam para o letramento da criança indígena na Educação Infantil? Objetivou-se analisar desafios do letramento de indígenas nos anos iniciais; Identificar dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita de indígenas; Compreender causas dos problemas do letramento na escola indígena; Refletir sobre metodologias dos professores para o letramento nos anos iniciais na escola indígena. O trabalho foi estruturado em três capítulos distintos e para chegar-se aos resultados, houve coletas e coletas e análises de dados com discursões, a sugestão de propostas contribuintes e a conclusão de todo o estudo, com os referenciais bibliográficos utilizados para embasamento teórico.

PALAVRAS- CHAVE: Letramento. Educação. Aprendizagem

ABSTRACT

For the production of this work, we used methodological procedures that consisted of a theoretical research for foundation, with specific authors such as (FREIRE, 1996), (GUERRA, 2002), (STERNBERG, R. J., & GRIGORENKO, E. L. (2003), (SIMONETTI, 2007), (SOARES, 1998) among others and a field research with a qualitative approach in April 2022, which analyzed literacy challenges in the EMIEIF Akay Jomuybu indigenous school in Jacareacanga- Pará. The guiding questions were: What are the difficulties for indigenous children's literacy in the early years? Understand causes of problems in the cognition of indigenous children in Early Childhood Education? What methodologies do teachers use for indigenous children's literacy in Early Childhood Education? The objective was to analyze indigenous literacy challenges in the early years; Identify indigenous reading and writing learning difficulties; Understanding causes of literacy problems in indigenous schools The; Reflect on teachers' methodologies for literacy in the early years in indigenous schools. The work was structured in three distinct chapters and to arrive at the results, there were collections and data collections and analyzes with discussions, the suggestion of contributing proposals and the conclusion of the entire study, with the bibliographic references used for theoretical basis.

KEYWORDS: Literacy. Education. Learning

LISTA DE QUADRO

QUADRO 01	Para você, o que é “LETRAMENTO” ?	41
QUADRO 02	Por que é importante ler e escrever corretamente?	42
QUADRO 03	Explique por que a comunicação é a identidade do ser humano?	43
QUADRO 04	Quais são as dificuldades para o letramento de crianças indígenas nos anos iniciais?	44
QUADRO 05	Como os professores veem o letramento das crianças indígenas na Educação Infantil?.....	45
QUADRO 06	Quais metodologias os professores utilizam para o letramento da criança indígena na Educação Infantil?.....	46
QUADRO 07	Há a presença efetiva dos pais na escola? Fale sobre.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONTEXTO SOBRE O LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS.....	13
1.1 ABORDAGEM SOBRE A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA	13
1.2 IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA	17
1.3 SOCIALIZAÇÃO E INTERAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	21
2 O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO	28
 ESCOLAR INDÍGENA.....	
2.1 O PROFESSOR E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA INDÍGENA	28
2.2 A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NOS ANOS	
INICIAIS	31
2.3 DIFICULDADES DO LETRAMENTO E DESENVOLVIMENTO NA	
EDUCAÇÃO INFANTIL	35
3 DESAFIOS DO LETRAMENTO NA ESCOLA INDÍGENA NOS ANOS	
 INICIAIS: ANÁLISE NA EMIEIF AKAY JOMUYBU EM	
 JACAREACANGA- PARÁ	39
3.1 CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA.	39
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	40
3.4 ANÁLISE DA PEQUISA COM OS PROFESSORES	40
3.5 PROPOSTAS DE CONTRIBUINTES	48
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE	54

INTRODUÇÃO

O presente trabalho utilizou-se de uma pesquisa teórica para embasamento, com autores específicos como (FREIRE, 1996), (GUERRA, 2002), (STERNBERG, R. J., & GRIGORENKO, E. L. (2003), (SIMONETTI, 2007), (SOARES, 1998) dentre outros e uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, analítica e exploratória, em Abril de 2022, onde analisou-se desafios do letramento na escola indígena EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará.

Foram necessárias algumas questões que direcionaram o mesmo, que são: Quais são as dificuldades para o letramento de crianças indígenas nos anos iniciais? Compreender causas dos problemas na cognição da criança indígena na Educação Infantil? Quais metodologias os professores utilizam para o letramento da criança indígena na Educação Infantil?

Também objetivou-se analisar desafios do letramento de indígenas nos anos iniciais; Identificar dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita de indígenas; Compreender causas dos problemas do letramento na escola indígena e refletir sobre metodologias dos professores para o letramento nos anos iniciais na escola indígena.

Estruturado em três capítulos distintos, em que o primeiro abordou uma contextualização sobre o letramento nos Anos iniciais, ressaltando a aprendizagem da leitura e escrita. Também verificou-se a questão da importância do desenvolvimento cognitivo da criança e a socialização e interação na educação infantil.

O segundo capítulo ressaltou o letramento na Educação Infantil no contexto escolar indígena, o professor e a prática pedagógica na escola indígena, a escola e o desenvolvimento da criança nos anos iniciais e explanou dificuldades do letramento e desenvolvimento na educação infantil

Com a temática sobre desafios do letramento na escola indígena nos anos iniciais, e análise na EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará, o presente estudo ocorreu em Abril de 2022, onde entrevistou-se três docentes indígenas que trabalham na escola. Para chegar-se aos resultados, houve coletas e análises de dados com discursões, a sugestão de propostas contribuintes e a conclusão de todo o estudo, com os referenciais bibliográficos utilizados para embasamento teórico.

1 CONTEXTO SOBRE O LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS.

1.1 ABORDAGEM SOBRE A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

O Processo Ensino Aprendizagem tende a objetivar as competências das crianças com o intuito de melhorar o desempenho linguístico da criança, levando em consideração a integração e a mobilidade sociais das mesmas, enquanto indivíduos inseridos em uma sociedade letrada, desenvolvendo o ensino numa perspectiva qualitativa e produtiva, pois a cognição do ato de ler e escrever deve ser usada para libertar, transformar e permitir que o indivíduo aja sobre a sociedade.

Neste sentido, a leitura e a escrita são práticas que requerem que o aluno adquira competências específicas para que possa se apropriar do conteúdo lido de forma significativa, a significá-lo e ressignificá-lo no seu dia a dia. A escola, considerada como um dos importantes ambientes de construção e apropriação de conhecimentos ora reproduzidos, tem o compromisso de implementar e desenvolver atividades que coloquem o aluno diante de desafios impostos pela leitura e interpretação de um mundo letrado no qual está inserido.

Quando uma pessoa lê, ela passa a ter uma nova opinião sobre o tema lido, desde política até assuntos relacionados à culinária. Desta forma, se a criança é estimulada a ler desde pequena ela com certeza será um adulto questionador e crítico, assim, o indivíduo que não lê não terá base literária e experiências para formar opinião sobre qualquer assunto.

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p.03)

A leitura proporciona a descoberta de um mundo novo e fascinante. Para tanto, a apresentação da leitura para as crianças deve ser feita de uma maneira diferenciada e atrativa, para que assim elas possam ter uma visão prazerosa a respeito do ato de ler, de modo que seja um prazer e um hábito que ela acrescentará em sua vida sem que seja visto como algo obrigatório e enfadonho.

Considera-se que a leitura tem o poder de desenvolver a capacidade intelectual e crítica das pessoas, devendo assim, fazer parte do seu dia a dia e desenvolver a criatividade em relação ao seu próprio e ao meio externo. Assim, (BACHA, 1975) enfatiza que quando a criança é incentivada a ler, a mesma se torna ativa e está sempre disposta a desenvolver novas habilidades, querendo sempre mais novidades. Ao contrário das crianças que não têm acesso à leitura, pois ela se prende apenas dentro de si mesma com medo do desconhecido. A leitura, como andar, só pode ser denominada depois de um longo processo de crescimento e aprendizado.

Ademais, para tornar o mundo um lugar melhor é necessário que se integre uma política de incentivo à leitura e a inclusão de novos leitores à educação. Pois, somente através do incentivo à leitura é que serão conquistados resultados efetivos para a educação e o desenvolvimento que o aluno almeja.

A leitura na infância é uma descoberta de sentimentos e palavras que conduz o leitor a desenvolver o seu intelectual, a sua personalidade e a aumentar substancialmente a sua capacidade crítica. O ato de ler estimula o imaginário e dá a possibilidade de responder as dúvidas em relação às milhares de questões que surgem no decorrer da vida, possibilitando o surgimento de novas ideias e o despertar da curiosidade do leitor, fazendo assim com que ele sempre queira mais, e não se contente com o básico.

Assim, uma das formas de incentivar as crianças a lerem é apresentá-las a livros que estimulem o hábito de ler pelo prazer. A partir daí elenca-se diversas vantagens, como a de que elas conheçam mundos novos e realidades diferentes para que, desta forma, elas possam construir sua própria linguagem, oralidade, valores, sentimentos e ideias, essas tais, que a criança levará para o resto da vida.

Entende-se, segundo Lajolo (2005), que a leitura é uma das atividades de maior importância para a formação do discente, portanto, esta deve ser trabalhada com prioridade na escola com o objetivo de formar leitores críticos. É através da prática da leitura que os discentes aprendem a defrontarem-se com a escrita em suas dessemelhantes modalidades, tornando-se proficientes ao uso desta de forma eficaz e compreensiva.

Percebe-se a importância de contextualizar o ensino, de forma a considerar os diversos gêneros textuais como fábulas, contos, poemas, dentre outros, a fim de que a criança descubra a função social da escrita. Desse modo, percebe-se

importância da leitura e escrita na perspectiva da alfabetização e do letramento, como uma expectativa de visão de outros mundos.

Compreende-se, a partir de Cagliari (1999, p. 85), que “aprender a ler e a escrever é apropriar-se do código linguístico-gráfico, é tornar-se de fato um usuário da leitura e da escrita”. Sobretudo, a leitura e a escrita, quando trabalhadas de forma dialógica e interativa, constituem um alicerce para o bom desempenho das crianças em todas as atividades escolares, bem como, a construção das diversas aprendizagens indispensáveis para o crescimento social, cultural e intelectual na sociedade letrada.

Na maioria das vezes, as informações são repassadas através da leitura e da escrita. Sendo que, logo cedo as crianças começam a entrar em contato com um mundo letrado, os jogos, os brinquedos, os livros, os computadores, os celulares, os tablets, que fazem parte da vida das crianças antes da mesma frequentar uma escola. Nas brincadeiras realizadas fora do contexto escolar, as crianças entram em contato com a leitura e a escrita de forma assistemática, e é nesse momento que surge o gosto pela leitura e a escrita, que aumentará cada vez mais à medida que a criança for incentivada e, ou acontecerá o inverso, caso não exista o incentivo por parte das pessoas que estão em sua volta.

Quando a criança é levada à escola todo o seu conhecimento anterior será organizado de forma sistemática. O espaço escolar passa a ser um cenário repleto de descobertas e conhecimentos, onde gestores, professores e funcionários atuam como despertadores e auxiliares nos trabalhos desenvolvidos pelos alunos. O letramento das crianças se tornará um verdadeiro espetáculo, nos quais o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita será responsabilidade de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da escola. Começando pela entrada escolar até a chegada à sala de aula.

De acordo com Ferreiro (1995) a aprendizagem se realiza na construção da própria criança sobre o objeto a ser conhecido, neste caso, a escrita. Assim, a aprendizagem ocorre na interação entre o objeto do conhecimento (língua escrita) e o sujeito cognoscente, ou o que quer conhecer. Ante essa concepção, a criança não reproduz a escrita tal qual ela se encontra na realidade, mas reinventa esse sistema, num movimento de construção própria, a partir da compreensão pessoal da criança de regras e de suas construções.

Neste contexto, a escrita é uma representação da linguagem e não um código de transcrição gráfica das unidades sonoras. Com foco nos aspectos internos da criança, Ferreiro (1995) ainda ressalta que não avançam na forma como a criança reorganiza para si as suas vivências no ambiente social, como se neste ambiente a escrita fosse a principal fonte de informação, deixando a lacuna da participação do outro, das relações tecidas entre os envolvidos no aprender e a no ato de assimilar.

Para tanto, a aprendizagem da linguagem escrita e oral é um processo cognitivo que se realiza de modo diverso em cada indivíduo. Assim, considerando as peculiaridades e as especificidades de cada aluno ou sujeito, faz-se importante que o professor lance mão de variados recursos pedagógicos e linguísticos durante a implementação dos conteúdos disciplinares, facilitando a compreensão dos temas apresentados e assim chegar à aprendizagem com eficiência.

De acordo com Freire (2003), as práticas de linguagem que ocorrem no espaço escolar, nos anos iniciais principalmente, possibilitam que aconteça uma reflexão sobre a linguagem. E é por meio dessa reflexão que se dá a construção de instrumentos que permitirão às crianças o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler e escrever nas diferentes situações de interação possibilitando às mesmas o acesso aos saberes linguísticos, extremamente necessários ao exercício da cidadania.

Diante disso, ao mesmo tempo em que a linguagem enriquece as possibilidades de comunicação e expressão, representa um potente veículo de socialização e cada língua, em cada sociedade, carrega em sua estrutura uma forma própria de ver e compreender o mundo, o qual se vê as características de culturas e grupos sociais singulares, os quais constroem um sentido da pertinência social e interativa.

Portanto, a conquista e a apropriação do espaço pedagógico dão-se a partir da ação coletiva, conjunta de todos os sujeitos comprometidos com os processos de ensino e de aprendizagem como autores e atores de suas próprias histórias, experiências e saberes em interação com os demais sujeitos, e a linguagem, tanto escrita como oral, ocupa um lugar de excelência nesse processo tão necessário para a comunicação humana.

1.2 IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA

O desenvolvimento cognitivo da criança na visão de Piaget implica mudanças dos esquemas de interpretação da realidade conhecida. Essas mudanças não é fruto de uma simples leitura da realidade e nem pura cópia da experiência. À medida que os seres humanos estabelecem intercâmbio com o meio no qual vive existe uma tendência ao equilíbrio e associação.

No entanto, este equilíbrio não ocorre simplesmente para recuperar o equilíbrio perdido, mas, sobretudo, numa tendência para recuperá-lo num nível superior ao que era permitido pela organização de esquemas. O mecanismo de aquisição de conhecimento consiste em vincular os dois elementos básicos de equilíbrio e desequilíbrio. Isto ainda se faz quando conclui que existe uma relação direta entre desenvolvimento e a aprendizagem significativa.

A leitura e a escrita estão em toda parte, as crianças começam a entrar em contato com o mundo letrado muito cedo, haja vista a maioria dos objetos que estão a sua volta, como embalagens, adesivos, jogos, brinquedos, televisores, placas comerciais, histórias infantis, dentre outras, e tornam-se fontes inesgotáveis de estímulos direcionados à alfabetização. Sendo assim, a alfabetização se tornará uma aventura de experiência pelo próprio educando, quando bem conduzida pelo professor. Assim sendo, Smith (1989) aborda que,

[...] tudo o que uma criança deve aprender a fim de se tornar um leitor fluente, é aprender a utilizar a informação não-visual, ou o conhecimento anterior, de modo eficiente, quando atentado para a linguagem escrita. E uma compreensão das finalidades e convenções dos textos é uma parte central da informação não-visual. Pois, o aprender a ler não requer memorização de nomes e letras, ou regras fonéticas, ou um grande vocabulário; tudo isto vem no curso do aprendizado da leitura, e pouco disto fará sentido para uma criança sem alguma experiência em leitura. (SMITH, 1999, p. 236).

Mediante a situação, quando se fala sobre o contentamento de alfabetizar e ser alfabetizado, quer se ressaltar que esse momento de aprendizagem é único, repleto de tensão, superação e descobertas, atingindo o emocional, o intelectual e o social do discente com bastante intensidade. Essa transformação requer do professor um grande envolvimento na ação de ensinar e aprender, requisita-se também, gostar do que faz, e principalmente, de transmitir em ação a emoção.

O professor que descobre o prazer em alfabetizar tem muito mais chance de ajudar seus alunos nesta descoberta. Nesta fase o docente caminha juntamente com seus alunos em um mundo fantástico, onde a leitura e a escrita aparecem com cores, formas e tamanhos variados, em lugares reais ou imaginários, respeitando o ritmo de cada criança, despertando o gosto pela leitura e a escrita, vivenciado pelo próprio professor, ultrapassando assim, os limites da sala de aula, passando a pertencer à vida e realidade de cada educando.

Conforme afirma Luria (2006, p. 144), “[...] a escrita pode ser definida como uma função que se realiza, culturalmente, por mediação”. Para o autor, observa-se que o desenvolvimento inicia-se antes da entrada da criança na escola, ou seja, a história da escrita está no próprio processo de desenvolvimento cultural da criança, que já chega À escol, com o dom da fala e de leitura do mundo.

Conforme o citado, parte da conscientização e contribuição de uma prática pedagógica diferenciada, proporciona uma renovação do pensamento, aperfeiçoando ou acrescentando novas ideias por meio das experiências aplicadas pelos educadores, em que possibilita uma formulação de critérios aos aspectos positivos e negativos da teoria aplicada no contexto educacional.

Para Bakhtin (2002) a importância da palavra está relacionada ao social, pois a interação verbal entre interlocutores, viabilizada através da enunciação, representa o princípio fundador da linguagem e possui caráter dialógico, típico do ser humano.

Para tanto, o uso eficaz da linguagem deve atender às necessidades pessoais, determinadas de acordo com as demandas sociais de cada momento ou situação. É, ainda, na interação social que se encontra a condição de desenvolvimento da linguagem, que o sujeito apropria-se do sistema linguístico, no sentido de construir com os outros os objetivos linguísticos individuais, os quais vai utilizar na medida em que constitui-se a si próprio como um locutor ou interlocutor, aquele que expressa-se ou aquele que coloca-se na posição de ouvinte. É o diálogo em si. Pessoas conversando e comunicando- se.

De acordo com Bakhtin (1979), a língua é como um fato social, concreto, individualmente manifestado pelo falante. Assim, a enunciação passa a ser uma realidade da linguagem, crescendo, também, a situação de enunciação como elemento necessário à compreensão das trocas linguísticas. Assim, a enunciação,

fenômeno de interação, o interlocutor ocupa o lugar de sujeito ativo na constituição do sentido e a linguagem articula o linguístico, o social e o ideológico.

Por ventura, se a Escola conseguir desenvolver no aluno o gosto pela leitura, ou seja, despertar o interesse por este tipo de situação, trabalhando com a diversidade textual desde os anos iniciais, explorando os textos de uso social, já terá dado grande avanço para atingir outros objetivos do ensino, como as competências motoras, afetivas, estéticas, cognitivas e sociais.

Conforme Piaget (1973), as crianças adquirem conhecimento por meios de ações sobre os objetos e de experiências cognitivas concretas. Elas constroem o seu conhecimento durante as interações com os outros e com o mundo. O construtivismo na escola é uma concepção que ganha sentido, na medida em que acontece concretamente a construção do conhecimento, favorecida mediante práticas pedagógicas e relações que promovem a aprendizagem infantil. Porém, o construtivismo proporciona à prática pedagógica um ensino capaz de desenvolver várias atividades em que o aluno esteja integrado à construção de novos saberes.

O domínio das práticas sociais, como a leitura e a escrita, o aluno que entra no mundo da leitura, apaixona-se, encanta-se e assim dará continuidade ao aprendizado escolar, através dos livros, jornais e revistas que vier a ler, das demais áreas do conhecimento e se desenvolverá sem embaraço diante das exigências do mundo globalizado e sem fronteiras, provavelmente será comunicativo, crítico, reflexivo, além de desenvolver uma percepção que flui gradativamente.

Insiste Freire (2003, p.159) em enfatizar que, “ensinar é uma forma de intervenção no mundo”. Cabe neste sentido ao professor intervir nessa educação que está a favor do sistema capitalista, em que o individualismo, a competitividade, o descomprometimento, o descaso com o social e a inversão de valores é gritante na escola e na sociedade como um todo. O processo de aprendizagem deve conceber atividades que permitam aos alunos a observar, comparar, experimentar, pesquisar, aplicar e manejar objetos reais, procurando envolvê-los nos trabalhos realizados em sala de aula.

Deste modo, compreende-se a leitura a partir dos enfoques sociais e em função das contradições presentes na realidade brasileira, percebendo-se que ler e escrever é o caminho para formação de um povo mais ativo e participativo, pois ler é possuir elementos de combate à alienação e ignorância. O sentido de ler vai além da decodificação, estende-se a leitura, compreensão e inferência.

Nessa perspectiva compreende-se a importância do ensino da leitura e da escrita utilizando o texto e o gênero textual como unidades básicas do ensino aprendizagem, pois acredita-se que isso faz-se necessário nos anos iniciais do ensino fundamental. Conhecer o mundo, os saberes produzidos pelo ser humano, falar e escutar o outro, ler diversos gêneros textuais (fábulas, contos, gibis, dentre outros), escrever textos em diferentes gêneros, são atividades que proporcionam um maior desenvolvimento das habilidades leitoras e escritoras, dando uma oportunidade à criança de agir e criar, de produzir, enfim, participar ativamente da e na sociedade em que vive.

Assim sendo, a aprendizagem da leitura e da escrita passa a ser analisada para além de uma mera habilidade a ser adquirida, mas como uma construção própria da criança, em meio à cultura e à forma singular com que vivencia este processo. Todavia o olhar se volta para os processos simbólicos, reconhecendo que o brincar e a imaginação constituem fontes essenciais do aprender (BARBATO, 2008).

O caráter inventivo da criança com relação à escrita está presente nos estudos como uma forma singular de a criança se relacionar com a linguagem, marcada pela cultura da qual participa e modifica na sua forma única de se relacionar com o mundo.

Segundo Piaget os estágios do desenvolvimento da criança aparecem em uma ordem necessária. Esses estágios não podem ser interrompidos, pois um prepara o outro e são construídos de acordo com as idades e o desenvolvimento de cada indivíduo, que depende da interação do sujeito com o meio em que está inserido.

Como Landsmann (2006, p. 274) afirma, que a aprendizagem da escrita não se circunscreve apenas “[...] por princípios biológicos predeterminados ou por interação com o meio que facilita a incorporação de nova informação, mas por uma reelaboração das próprias representações.” Para ela, o conhecimento da escrita pode ser transformado pelo aprendiz, uma vez que a escrita facilita e potencializa processos recursivos de descrição da mente.

Assim, Landsmann (2006) refere-se à criatividade mediante a transgressão, viabilizada por um trabalho reflexivo e mentalmente comprometida sobre o aprender, possibilitando uma aprendizagem para além da reprodução e do armazenamento de informações. Em sua proposta metodológica, trabalha com a

ideia de que para ser possível inventar uma nova notação inexistente, a criança necessitaria transgredir algo que já existe e por isso mesmo pensar sobre o que já tem de conhecimento sobre o sistema de notação.

Para tanto, Solé (1998), diz que devemos compreender estratégias como um procedimento de cunho elevado que abrange a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento de ações desenvolvidas no intuito de atingi-las, bem como sua avaliação. Essas estratégias de leitura, são usadas para se pôr em prática os mecanismos de ações mentais desenvolvidas pelo leitor para se construir um sentido, para que ele possa compreender com maior aproveitamento o que está sendo lido e principalmente visualizado.

Dessa forma, para conquistar o gosto dos alunos à leitura, são necessárias algumas estratégias, para que todos, desde os que têm facilidade de entender até os que têm dificuldade, consigam chegar a um nível satisfatório de compreensão e aproveitamento da leitura. Busca-se sempre, conquistar o aluno e fazê-lo interagir com o que está sendo transmitido, formar opiniões e ensiná-lo a expressá-las. O termo “estratégia” pode ser empregado com sentidos diferentes, que depende de um contexto. Aqui, pode ser considerado como um procedimento, nesse caso, procedimento de leitura, com seu lado dinâmico e diferenciado.

1.3 SOCIALIZAÇÃO E INTERAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na realidade, o homem é indiscutivelmente um ser de comunicação e interação com os demais de sua própria espécie em todos os contextos, seja no trabalho, escola, família, amigos e com o mundo que o rodeia. Partindo do princípio de que está-se na era da tecnologia e informação, não é possível conceber que o ser humano de forma geral não tenha acesso à leitura como instrumento de conhecimento da sua e de outras culturas, de confronto de ideologias e produção de argumentos que construirá um cidadão reflexivo e atuante na sociedade que o espera.

Neste contexto, a interação verbal, normalmente, é sustentada pelo discurso oral, isto é, pela fala, que é constituída de maneira simples, menos estruturada, informal e concreta. Enquanto a escrita é formal, abstrata (por ter o interlocutor ausente) e complexamente estruturada, ela consiste em ser uma função superior da

mente, porque requer um esforço intelectual maior para sua concepção de aprendizagem. (BAQUERO, 2001).

A interação social, portanto, é uma ação que se realiza através da linguagem escrita ou oral. Conceituá-la de tal modo implica assumir que o ensino da Língua Portuguesa é um processo de interação social, já que diz respeito à língua e, conseqüentemente, à linguagem, associando à comunicação humana.

O ser humano está inserido em uma sociedade na qual, as informações são transmitidas em um ritmo acelerado envolvendo inovações correspondentes a conhecimentos, que serão aplicados no dia-a-dia, principalmente das crianças, em diversos lugares e situações variadas, em contextos diversos.

Dessa forma, entende-se a linguagem como um processo de conversação que realiza-se nas práticas sociais viventes nos inúmeros e diversificados grupos de uma sociedade. Interagir pela linguagem e exprime de certa forma, num aprazado contexto histórico e em determinadas circunstâncias. Segundo Bakhtin (1979) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. Os indivíduos interagem pela linguagem, tanto numa conversa informal quanto pela escrita.

Portanto, é através da linguagem que é possível expressar ideias, pensamentos, intenções interpessoais anteriormente existentes em contextos diversos e influenciar os outros, modificando as representações que fazem da realidade e de onde está-se inserido.

Dessa maneira, torna-se importante ressaltar que a leitura exige do leitor condições para um bom andamento e melhor compreensão do texto que vai desde o conhecimento deste sobre o assunto tratado, até a capacidade do mesmo identificar as ideias mais importantes do texto. de acordo com o seu objetivo.

Ademais, a realização do objetivo da escrita é a leitura, pois quem escreve, escreve para ser lido. A leitura faz parte do cotidiano do indivíduo e, é através dela que o ser humano busca realizar-se, desvendando mistérios, soltando a imaginação, ao percorrer seus anseios do inconsciente, o que estabelece uma relação entre o real e o imaginário.

[...] entende que o aluno aprende a escrever agindo e interagindo com a língua escrita, ou seja, é praticando a escrita que se aprende a escrever, assim, adquirir a escrita e desenvolvê-la são faces diferentes. [...] o aprender a escrever engloba a aquisição e o desenvolvimento da habilidade de produzir texto, no entanto, não são atividades indissociáveis". (SOARES, 2001, p.57)

Neste sentido, a leitura é uma estratégia de interação entre o educador e o aluno e através dela pode-se criar um pensamento crítico por parte do aluno, e o professor age nessa hora como o mediador, moldando as opiniões, direcionando a real mensagem do texto, formando um elo entre o discente e o objeto de estudo da leitura, entre aluno e professor.

Ao ressaltar a linguagem como forma de interação, Antunes (2003) afirma que, uma vez que toda palavra procede de alguém e dirige-se para alguém, a realização da palavra, sua concretude passa a ser determinada pelas relações sociais, pelos interlocutores e pela situação de produção. Freire (1996) também diz que,

O fato de me perceber no mundo com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. (FREIRE, 1996, p.60).

Para tanto, cabe a escola, sob o domínio do professor, propiciar esse momento ao aluno, de se sentir inserido no mundo. O hábito saudável da leitura o propiciará isso, desde que o educador não imponha regras severas à leitura, como punições ou ações forçadas. Deve-se respeitar as limitações de cada aluno, inseri-lo no mundo da leitura, debatendo, dando-lhe voz e oportunidade de expressar um pouco de suas experiências, para que este se sinta incluso no mundo da leitura, assim, se familiarizando e se sentindo mais a vontade e confortável diante dos desafios que o ato de ler impõe e exige.

Tem-se conhecimentos que a leitura é muito mais do que um instrumento escolar. Ela funciona como um passaporte para a entrada na cultura. Não se concebe uma cidadania plena sem a utilização da leitura, a escola tem a função de oferecer aos seus educandos, uma prática de leitura que envolva os alunos na construção de sentidos, diante do que foi lido.

Nesta circunstância, a leitura e a escrita do mundo, surgem como poderosas fontes de emancipação do aluno e dos professores, como cidadãos que vivem em uma sociedade letrada e que exige, cada vez mais, conhecimentos dos sujeitos para que possam, por meio das interações feitas e dos diálogos estabelecidos, enfrentar os desafios lançados pelo mundo do trabalho, pela vida em família e em sociedade,

pela educação em suas práticas educacionais, colocando-se de forma crítica e transformadora. Lerner (2008) insiste em afirmar que,

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita... (LERNER, 2008, p.73).

Considera-se que o letramento objetiva instruir as crianças para interagir e atuar no seu meio social. Para isso, é preciso que o professor esteja consciente de sua responsabilidade, além de trabalhar com o livro didático, procurar usar textos diversificados que fazem parte da realidade na qual, os alunos estão inseridos, proporcionando uma aprendizagem mais eficiente e um desenvolvimento intelectual mais eficaz. É que leitura torna o homem mais curioso e com capacidade de aguçar o imaginário.

Sobretudo, atribui-se ao mencionar como professor dinâmico, aquele que procura motivar os seus alunos, além de trabalhar com o livro didático, este deve manusear também jornais, revistas, histórias em quadrinhos e outros textos, abordando assuntos do interesse dos alunos, visando com isso à compatibilidade com o nível e fase de desenvolvimento de conhecimento das crianças a que se destinam.

O livro didático é um material de forte influência na prática do ensino brasileiro. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e as eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos propostos. Além disso, é importante que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado (pois a variedade de fontes é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento). A utilização de materiais diversificados como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, 19 calculadoras, filmes, faz o aluno sentir-se inserido no mundo à sua volta. (BARBOSA, 2002, p.11-26).

Neste aspecto, torna-se importante contar com a participação dos alunos, desde a seleção dos textos a serem trabalhados em sala de aula, até o momento da avaliação. Deve-se sempre revisar esse procedimento sempre que passar para o nível seguinte de alfabetização. Além disso, o docente que compromete-se a alfabetizar um grupo de alunos, sabe que além de ensinar a ler e escrever, precisa estimulá-lo a fazer a sua própria interpretação dos textos, com a autonomia e o senso crítico que devem ser criados pelo processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, torna-se de fundamental importância, ressaltar que todos os conhecimentos ensinados durante o processo de alfabetização têm o intuito de abrir

novos caminhos para a aprendizagem, promovendo ao estudante a oportunidade de trilhar seu próprio caminho de acordo com o que a sociedade exige.

Para tanto, Solé (1998) ressalta que “a leitura é um processo de interação entre leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura”. Sendo assim, o objetivo da leitura é compreender o texto, atribuindo-lhe ou construindo significados, já que o sentido que o autor propôs ao texto pode ser alterado pelo leitor de acordo com seus conhecimentos prévios e com os objetivos daquela leitura, mesmo que o aspecto de muitos conteúdos do texto seja inalterado, é viável que leitores ativos, extraíam informações distintas dentro de suas finalidades e metas.

Desse modo, compreende-se que o hábito da leitura é fundamental na vida do sujeito, pois é lendo que se chega a informação e ao conhecimento, e é lendo que instrui-se e tornar-se confiante. Sabe-se que a leitura deve ser vista como uma atividade que desenvolva no aluno a familiaridade com textos diversificados, numa quantidade tal que o faça gostar de ler e de perceber a importância da leitura para sua vida pessoal e social, transformando-a num hábito capaz de satisfazer esse gosto e essa necessidade por mais conhecimentos. Landsmann (2006) reforça que,

[...]Um importante trabalho, demonstra com base em argumentos teóricos e empíricos as relações e os próprios efeitos da escrita sobre o desenvolvimento humano. Para a autora, o ambiente social do qual a criança participa é fator predominante para a relação que a mesma estabelecerá com a própria escrita no processo de aprendizagem, sendo que a “[...] existência prévia do escrever e do escrito filtra, desde o primeiro momento, as explorações da criança com relação à escrita.” (LANDSMANN, 2006, p. 272)

Neste aspecto, a criança também é ponto de partida, mas nela está configurado, as experiências mais diversas que constituem o próprio aprender. Nesta concepção, a aprendizagem é um processo subjetivo de natureza social, em que o conhecimento se realiza na inter-relação dos processos subjetivos da criança e nas configurações da subjetividade social, dos diferentes contextos vivenciados pela mesma, não se restringindo a etapas fixas e universais, mas por momentos dinâmicos, recursivos e dialéticos (GONZÁLEZ REY, 2003).

Mediante isso, a leitura é, e sempre foi o meio mais efetivo do aprendizado e da interiorização de conhecimentos. Ler é, antes de tudo, pertencer a um meio que se renova a cada dia com diferentes formas, pensamentos e ideias; lendo o aluno

estará apto para desbravar desafios e ser dono do seu próprio conhecimento e usar a leitura como forma de integração, interação e socialização.

De acordo com Bakhtin (1979, p.79), “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (...). É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação (...)”. Embora não se constituíssem em preocupações, para o autor os aspectos que se relacionam ao processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita na escolarização formal de crianças, suas reflexões têm respaldado a discussão em torno do processo de apropriação dessas práticas sociais e interativas.

Desse modo, compreende-se que o hábito da leitura é fundamental na vida do indivíduo, pois é lendo que se chega a informação e ao conhecimento e é lendo que instrui-se e tornar-se confiante. No entanto, a leitura deve ser vista como uma atividade que desenvolva no aluno a familiaridade com textos diversificados, numa quantidade tal, que o faça gostar de ler e de perceber a importância da leitura para sua vida pessoal e social, transformando-a num hábito capaz de satisfazer esse gosto e essa necessidade que deve ser assistida.

O aprendizado da leitura e da escrita é considerado de suma importância para o desenvolvimento crítico e social da criança na fase escolar. Sem a leitura e a prática da escrita, a criança se vê distante de seu papel como aluno: ler e aprender a escrever de forma a expressar suas ideias. “A leitura e a escrita são fundamentais para o aprendizado de todas as matérias escolares. Por isso, em cada ano/série, o aluno precisa desenvolver mais e mais sua capacidade de ler e escrever”. (BRASIL, 2006).

O ensino da leitura e da escrita deve ser influenciado por toda a sociedade, mas a escola toma posto principal nessa função, delegando aos professores o trabalho de chamar a atenção dos alunos para a leitura e a desenvolver a escrita de forma a expressar ideias e pensamentos. Os professores têm, então, papel de mediadores do conhecimento e da cognição.

A leitura dá vazão à imaginação e “abre mundos” para qualquer pessoa. Aprender a ler é indispensável quando se vive em uma sociedade onde saber ler e escrever é vital. Por isso, o incentivo à leitura nos primeiros anos da escola é de extrema importância para a formação de alunos leitores. Se aprender requer tempo, aprender a ler requer tempo e prática: só se aprende a ler, lendo. (MARTINS, 1984, p.12)

Neste contexto, o gostar de ler é construído em um processo que é individual e social ao mesmo tempo, pois ouvir histórias é pra quem sabe e também para aquele que não sabe ler. O professor deve entender e compreender as dificuldades particulares de cada aluno, e deve, ao mesmo tempo, estimulá-los a produzirem e ouvirem textos, para que assim ele possa desenvolver suas competências e habilidades, estimulando a leitura como um processo de libertação da criatividade e da reflexão crítica do cidadão.

A leitura é fundamental e necessária para a criação de um indivíduo crítico, apto para discutir seus pontos de vista, por estar preparado e equipado com uma carga intelectual, superior a outro indivíduo que não obteve a mesma carga literária. De acordo com Freire (2008), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.

O autor sintetiza que a leitura gráfica, ou seja, dos livros, revistas, jornais é precedida pela leitura da vida. Cada ser humano tem vivências e experiências diferenciadas. No entanto, cada um tem uma forma de interpretar uma determinada situação, conforme os padrões da construção de ideias em que o mesmo foi inserido ou conduzido a interpretar.

Enfim, a escola tem o dever de fornecer a continuidade ao desenvolvimento da leitura, tanto da leitura de mundo quando à escrita, ao indivíduo. Ela tem o papel de formar um cidadão crítico, envolvido com as causas sociais e cientes do mundo ao seu redor. A instituição escolar como parte fundamental da formação leitora do aluno deve dispor de uma estrutura de qualidade, livros atuais e em bom estado de uso, usufruir de uma infraestrutura sólida, com ambientes bem projetados e bibliotecas conservadas, além de professores mediadores que possibilitem esse importante aspecto na vida do aluno.

2. O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR INDÍGENA.

2.1 O PROFESSOR E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA INDÍGENA

A escola diferenciada é uma instituição que procura romper com o viés integracionista e com a reprodução das formas de dominação econômica e cultural. A diferença está estritamente relacionada à especificidade dos grupos e/ou sociedades indígenas envolvidos. Em tese, cada etnia ou povo tem direito a uma escola específica⁵ na Terra Indígena onde reside, com ensino em sua própria língua, material didático próprio, com professores da etnia e formados em cursos voltados à tal atuação.

É nesse cenário, em que a escola é considerada o espaço no qual o conhecimento tradicional do povo indígena e os novos conhecimentos científicos e tecnológicos deverão articular-se de forma equilibrada, e, principalmente, o espaço de reafirmação das identidades e da construção permanente da autonomia e das alteridades, que podemos inferir que uma das questões centrais está no professor indígena e no seu percurso formativo.

Diante disso, é importante pensar o que mobiliza o professor a assumir o protagonismo no processo, buscar soluções, encontrar caminhos para construir um modelo de escola indígena com os princípios conquistados e desejados pelos indígenas.

[...] As escolas indígenas diferenciadas pautam suas ações e estratégias de transmissão, produção e reprodução de conhecimentos na proposta de possibilitar às coletividades indígenas a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas, tradições e ciências, a defesa de seus territórios e outros direitos básicos, além de lhes dar acesso adequado às informações e aos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade global, necessários à garantia e à melhoria da vida pós- contato[...] (LUCIANO, 2006, p. 159).

Nas aldeias, a instituição de ensino é vista como um instrumento de luta que possibilita reivindicar a política indigenista a fim de adquirirem saberes múltiplos, ou seja, apropriar-se de conhecimentos universais para serem compreendidos e reconhecidos pela sociedade vigente e exercerem seus direitos, enquanto, cidadãos.

As leis e os referenciais curriculares voltados para as comunidades indígenas asseguram a igualdade de oportunidades, devendo o professor buscar

conhecimentos por meio de cursos organizados pelo seu Estado em parceria com as prefeituras (quando houver), ou por meio de encontros organizados pelos próprios indígenas em seus territórios.

As estratégias desenvolvidas por professores indígenas em suas escolas procuram sem dúvida aproximar os conteúdos mínimos da sociedade hegemônica e os saberes que cerca a realidade dos alunados, mas infelizmente esse esforço acaba por se concretizar parcialmente, se considerarmos a proposta de uma educação Intercultural e Bilíngue de educação.

É importante lembrar que o conceito de prática pedagógica adotado neste texto é o que compreende a prática pedagógica como sendo formada por quatro dimensões, a saber: a prática docente, a prática gestora, a prática discente e a prática epistemológica (SOUZA, 2009).

Dito isso, faz-se necessário discorrer sobre os aspectos e as características que diferenciam a prática pedagógica integracionista da prática pedagógica diferenciada, crítica e libertadora em educação escolar indígena na atualidade.

Pode-se afirmar que a luta pela manutenção da vida física e cultural é o que fundamenta a prática pedagógica diferenciada, crítica e libertadora em educação escolar indígena. A história nos revela que desde os primeiros contatos entre índios e não índios.

Na verdade, uma vez que os valores não são essências abstratas, imutáveis, mas são histórica e culturalmente construídos, uma prática pedagógica realmente diferenciada, crítica e libertadora, como a aqui proposta, tem como fundamento ético a Vida. Voltamos a afirmar que em educação escolar indígena, seu principal objetivo deve ser a criação, a reprodução, a manutenção da vida física e cultural dos diferentes povos.

Como afirma Luciano (2006), que o professor indígena é uma categoria recente, com menos de meia década no mundo das políticas indigenistas. O autor explica que, em 2001, a maioria dos professores que atuava nessas escolas era não indígena. Para essa categoria, o autor ainda aponta dois grandes desafios: a compreensão do papel da escola formal para a comunidade indígena e a construção de uma educação diferenciada.

A formação de indígenas como professores e gestores das escolas tem se apresentado como um dos principais desafios para a consolidação da educação

escolar indígena. Com o olhar direcionado à escola indígena – como projeto social de uma dimensão comunitária e coletiva – pensemos em seus professores, sobre os quais recaem as principais responsabilidades relacionadas à escola.

Muitas vezes, esses compromissos são também voltados a toda comunidade, principalmente quando envolvem questões com a sociedade de entorno. Em muitas situações, são os professores que respondem pela mediação e interlocução do grupo com o mundo de fora da terra indígena.

Por conta desse papel social, consideramos que é esperada do professor uma posição de protagonista: do latim protos - principal, primeiro e de agonistes-lutador, competidor. Pensa-se o protagonismo como posição do sujeito diante do enfrentamento de alguns dilemas, no campo da Educação Escolar Indígena, que não foram superados nos últimos anos. Cabem, principalmente, mas não somente, aos professores esses desafios, como as práticas pedagógicas docente. Assim, “prática docente é uma prática relacional, mediada por múltiplas determinações” (FRANCO, 2016, p. 540)

O desafio das propostas desenvolvidas é ter no horizonte que a escola é um instrumento para mobilizar a construção de significados. Portanto, faz-se necessário considerar o seu espaço em um mundo globalizado e as ambiguidades geradas por essa globalização.

Nesse cenário, evidenciamos a condição de fronteira vivenciada pelos professores, condição essa que potencializa os enfrentamentos e remete-os para uma situação aparentemente dicotômica: suavizar as fronteiras entre indígenas e não indígenas e, ao mesmo tempo, reforçar os marcadores identitários. Conforme Silva e Azevedo (1995),

A expressão ‘professor indígena’, no contexto atual da discussão sobre educação escolar indígena, tem um único sentido: não pretende caracterizar uma classe particular de professores. São, ao contrário, professores no sentido pleno[...] e que portanto se preocupam, enquanto professores, com todas as dimensões da educação escolar, e ainda, enquanto membros de totalidades sociológicas diferentes da nossa, com a situação atual, os projetos e o destino de seus povos: totalidades e não partes que se relacionam com a sociedade brasileira de forma bastante complexa. (SILVA E AZEVEDO, 1995, P. 157):

Valorizar os diferentes conhecimentos indígenas pressupõe atribuir um valor ético à vida física e cultural indígena no currículo escolar. Nesse sentido, diz-se que o objetivo ético dessa prática pedagógica é a criação, a reprodução e

desenvolvimento da vida física e cultural dos povos indígenas. O objetivo epistemológico, por sua vez, é a validação dos diferentes conhecimentos indígenas ensinados e aprendidos no currículo escolar.

Assim, afirma-se que a construção de uma educação escolar indígena na atualidade perpassa pela criação de uma prática pedagógica diferenciada. Essa, por sua vez, só tem sentido se for pensada sobre fundamentos éticos e epistemológicos que tenham como objetivo principal a valorização da vida e o reconhecimento dos diferentes conhecimentos indígenas no currículo escolar. Esta, por sua vez, vai possibilitar a construção e a execução de currículos diferenciados, com perspectiva crítica e libertadora.

2.2 A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NOS ANOS INICIAIS

A Educação Infantil tornou-se, nos últimos anos, foco de atenções por ter sido reconhecida como um dever do Estado com a Educação e, principalmente, pela importância que ela desempenha na formação da criança. Na Educação Infantil o professor atua como um incentivador para que a criança consiga, a partir de situações propostas no cotidiano da sala de aula, construir novos conhecimentos reorganizando estes esquemas. São as experiências e as relações construídas, a partir do que vivencia, que farão com que a criança vá aprimorando e estruturando os esquemas, refletindo no processo de aprendizagem.

[...]A aquisição da linguagem, tornada acessível nesses contextos de imitação, cobre finalmente o conjunto do processo, assegurando um contato com outrem muito mais vigoroso do que a simples imitação e permitindo, portanto, à representação nascente aumentar os seus poderes apoiada na comunicação. (PIAGET e INHELDER, 2003, p.55)

Considera-se que com a linguagem, a criança passa a se expressar de outra forma, relacionando-se com o meio ambiente e com as pessoas. No cotidiano da Educação Infantil, os momentos de roda da conversa rodinha das novidades, contação de histórias e trabalho com músicas favorecerão a aquisição e desenvolvimento da linguagem. O professor deve incentivar situações de diálogos e discussões entre a turma, criando um espaço para a livre expressão da criança através da fala.

A ludicidade deve estar presente na proposta pedagógica da Educação Infantil. As crianças em idade Pré-escolar precisam ser motivadas a desenvolverem a imaginação e a criatividade a partir do brincar. “A aprendizagem depende em grande parte da motivação: as necessidades e os interesses das crianças são mais importantes que qualquer outra razão para que elas se dediquem a uma atividade.” (FRIEDMANN, 2012, p. 45)

O educador precisa estar atento a estas necessidades inerentes à infância. Brincar leva a criança a construir aprendizagens, pois faz parte de seu interesse; a desafia em alguns momentos; trabalha valores, noções de corpo; estimula sua autonomia.

As crianças desenvolvem habilidades a partir dos jogos e brincadeiras; as instituições infantis devem garantir o brincar como proposta curricular, apostando nas inúmeras aprendizagens que poderão ser vivenciadas pelas crianças. A diversidade de documentos que tratam da infância, reforça o direito da criança de brincar. Este se constitui como papel da escola e de educadores: zelar pelos direitos da criança.

Pensar em trazer o brincar como protagonista da escola é um avanço para a educação, porque assim tomamos consciência da importância que ele tem para o desenvolvimento integral das crianças, descobrindo nele um meio de conhecê-las mais profundamente, a fim de adequar propostas lúdicas e preservar suas culturas (FRIEDMANN, 2012, p. 162).

As crianças desenvolvem habilidades a partir dos jogos e brincadeiras; as instituições infantis devem garantir o brincar como proposta curricular, apostando nas inúmeras aprendizagens que poderão ser vivenciadas pelas crianças. A diversidade de documentos que tratam da infância, reforçam o direito da criança de brincar. Este se constitui como papel da escola e de educadores: zelar pelos direitos da criança.

Na verdade, a criança age sobre o mundo que a cerca construindo e aprimorando suas aprendizagens e conhecimentos. Ela atua sobre o meio ambiente e desenvolve suas estruturas cognitivas. O que a Educação Infantil favorece é o contato com outras crianças e adultos, a exploração de diferentes materiais, descobertas a partir de situações problema. Incentivando todas as expressões da criança e seus sentidos, estimulando seu desenvolvimento integral, nos aspectos cognitivos e emocionais.

De acordo com Piaget, as crianças com 5 anos de idade encontram-se no “estágio do pensamento pré-operacional (2-7 anos): Este estágio é caracterizado pelo desenvolvimento da linguagem e outras formas de representação e pelo rápido desenvolvimento conceitual.” (WADSWORTH, 2003, p. 31)

O período pré-operacional é também conhecido como período da função semiótica ou função simbólica. É na escola que deve-se resgatar os jogos e brincadeiras, como atividades fundamentais para o desenvolvimento humano, pois abrangem os aspectos sociais, cognitivos, psicomotores e emocionais.

Ao promover situações que envolvam o lúdico, o professor, como observador, poderá obter algumas informações sobre a criança, como ela se expressa, como se organiza, suas interações, entre outros aspectos que podemos analisar através da experiência rica do jogo simbólico.

Em 1988, com a Constituição da República Federativa do Brasil, a Educação Infantil passou a ser vista como direito da criança: Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade. A Educação Infantil passa a ter uma dimensão maior a partir de 1996 com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que regulamenta o seguinte:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Art. 30. A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade (LDB Nº 9. 394/96)

Reconhece-se que a Educação Infantil é uma das principais etapas do desenvolvimento humano, em que inicia-se a partir das creches, a escola é um dos principais meios de socialização da criança no mundo, e que o brincar é uma atividade prática da criança no mundo.

Pode-se dizer que, certamente o brincar na escola possibilitará ampliação do conhecimento de mundo em todos os aspectos, tornando-o um ser crítico, ético, e autônomo, mas é claro que cabe à Instituição de ensino, buscar recursos fundamentais para o desenvolvimento de determinados aspectos e envolver constantemente o professor como mediador e responsável por grande parte da transformação existente.

Neste aspecto, é preciso levar em consideração o quão importante é considerar que o aluno é um ser capaz e basta receber estímulos para se desenvolver constantemente. Certamente a alfabetização, ou melhor, o ato de ensinar a ler e escrever são uma das maiores identidades humanas, pois possibilita uma construção ética, moral, social e cultural para o indivíduo e facilita sua relação na sociedade em que vive.

Autores como Carvalho et al (2020) afirmam que a Educação Infantil necessita de um cuidado criterioso, ao ser responsável pela construção inicial de um ser em formação, mas nem sempre a Educação Infantil foi vista como uma etapa inicial da Educação Básica. Nesse sentido, a Educação Infantil é constituída de atividades significativas e não de brincadeiras sem sentido e sem objetivos, onde a ludicidade exerce papel educativo e os alunos conseguem diferenciar brincadeiras lúdicas de apenas brincadeiras.

Assim, as várias transformações existentes no processo de ensino e aprendizagem partem desde os diversos métodos curriculares, metodologia de ensino, e também da formação continuada de professores, métodos estes que partem do tradicionalismo atingindo o construtivismo.

Considera-se que as transformações metodológicas relacionadas à alfabetização e letramento não são suficientes para que os resultados positivos aconteçam, por isso é imprescindível a constante observação em relação à criança como um ser que vem de uma determinada sociedade e apresenta diversas dificuldades, que partem desde o meio social atingindo todo o seu desenvolvimento.

Dessa forma, compromete o interagir desse aluno, pois o mesmo está diretamente relacionado com seu meio no processo da aprendizagem de símbolos e seus significados na pré-alfabetização.

Portanto, é fundamental que ao pensar em alfabetizar seja levado em consideração o aspecto social da criança, pois é preciso criar possibilidade para que essa criança seja estimulada e assim será possível demonstrar as diversas habilidades, potencialidades, sendo a criança um ser capaz apesar das diversas dificuldades existentes e será um potencial adulto com capacidade cognitiva de ler e interpretar e capaz de se tornar um cidadão crítico e com competência e habilidades de leitura escrita bem desenvolvidos.

2.3 DIFICULDADES DO LETRAMENTO E DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Compreende-se ser muito amplo, o processo de alfabetização, mas sabe-se também que dentro desse processo, existem diversas intermediações no qual de certa forma pode interferir seja positivamente ou negativamente e as Dificuldades de Aprendizagem, quando identificadas certamente podem influenciar constantemente o processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, para que isso seja visto de forma positiva e tratado com um olhar qualitativo é preciso que a escola, juntamente com toda equipe de apoio pedagógico escolar, trabalhem juntos com objetivos voltados para possibilidades de superação e não com a exclusão das mesmas e é claro sendo o professor, um mediador e uma peça fundamental nesse processo.

Quando trata-se nas Dificuldades de Aprendizagem presentes no meio escolar, não deve-se pensar simplesmente que este é um processo que interfere apenas no período de alfabetização, pois sem dúvidas ultrapassa a questão do ensinar a ler e escrever, pois a escola é o espaço que permite às crianças receberem, não apenas conhecimentos formais, mas também toda a bagagem histórica, cultural e social que a humanidade construiu durante os séculos e que perdura na realidade de todo e qualquer estudante.

Na impossibilidade de determinar que a palavra alfabetização passe a significar, não só a aprendizagem do sistema alfabético, mas também a aprendizagem dos usos sociais e culturais desse sistema, é que a “invenção” da palavra letramento tornou-se necessária. [...] O ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 2004, p.7).

As atividades de alfabetização e letramento, portanto, diferenciam-se, mas devem se desenvolver de forma integrada. Isto é, o desenvolvimento desses processos se dá por meio de atividades específicas referentes a cada um deles, mas que estejam intimamente vinculados de modo que uma complementa o outro.

De alguma forma, em nossa sociedade que é permeada pela escrita, essas duas atividades fazem parte do contexto de muitas crianças que convivem, em maior ou menor grau, dependendo de seu meio social, com atividades e material de leitura e escrita. Com essa convivência, tanto a alfabetização quanto o letramento são

construídos e desenvolvidos antes mesmo de chegarem às instituições de educação infantil.

Como ressalta Souza (2008), referindo-se ao letramento no contexto infantil, afirmou que o trabalho realizado em sala de aula deve oportunizar aos alunos todo o tipo ou vários tipos de linguagens escritas e orais, como: “livros infantis, receitas, culinária, bulas de remédio, jornais, revistas, cartas, bilhetes, rótulos e tudo que lemos e escrevemos da nossa realidade”, que podem ser caracterizados como atividades de letramento.

Mas é necessário que haja muita garra para que o desânimo não deixe que as dificuldades consigam vencer as potencialidades, pois a partir da tomada de várias decisões pensando na necessidade dos alunos quanto ao compromisso de encontrar um método que se adéque a este processo.

Está evidente que diante das diversas dificuldades existentes é preciso buscar uma base teórica para a compreensão da maneira pela qual a criança aprende e é claro que na atualidade pensando-se na necessidade de novos métodos cabe ao professor familiarizar-se ao construtivismo.

Neste caso, Emília Ferreiro e Jean Piaget devem servir de base para um melhor discernimento e assim buscar conhecimento sobre os princípios teóricos e também metodológicos da alfabetização e é claro que o alfabetizar não tem uma receita pronta, então cabe ao educador adaptar a sua metodologia as necessidades do educando na busca de identificar os principais caminhos e assim superar as possíveis dificuldades.

Dificuldades de aprendizagem significa um distúrbio em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita, que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, soletrar ou realizar cálculos matemáticos. (GRIGORENKO, STERNEMBERG, 2003, p.29)

Na realidade, entre os problemas mais comuns de desenvolvimento infantil, está o ritmo da criança; cada um tem uma velocidade própria para aprender. Crianças com distúrbios apresentam ritmo mais lento. Elas precisam de um tempo maior para compreender um novo conceito. Quando o professor planeja levando em conta as particularidades de cada aluno, evita que alguns fiquem pelo caminho ou se fracassem em sua aprendizagem.

Quando o alfabetizador quer realmente chegar aos seus objetivos com seus alunos ele tem que enfrentar diversas dificuldades, mas existem vários métodos que podem ajudar, como por exemplo, a ludicidade. O lúdico é um dos métodos mais usados por professores que travam a grande batalha da alfabetização e do letramento, pois através de brincadeiras podemos trabalhar diversos assuntos e habilidades de forma gradual e diversificada.

A alfabetização não possui receita pronta em relação ao método, pois a forma de aprendizagem de uma criança pode ser diferente da outra. O método aplicado em uma turma pode não ter o mesmo resultado em outra. É importante lembrar que a criança não é uma peça feita que existem várias iguais em diferentes pacotes, mas são cada uma única, que precisam ser trabalhadas de maneiras diferentes e que se adaptem às suas necessidades. E para confirmar este pensamento;

Alfabetizar crianças, jovens ou adultos é uma tarefa complexa, mas pode, e esperamos que seja, prazerosa. É possível, sim, aprender a escrever e ler por meio de brincadeiras, por meio de reflexão, por meio de um trabalho solidário. Há que se perceber, no entanto, que isso não significa dizer que as aprendizagens são simples ou que são fáceis, ou que não exigem esforço do aprendiz. (BRASIL, 2012a, p.13).

Diante disso, ensinar com prazer pode barrar muita das lutas e das dificuldades que podem ser encontradas no caminho, pois um professor que educa com dedicação e pesquisas métodos que façam seus alunos aprenderem de verdade, o letramento é uma tarefa difícil, mas com empenho consegue-se chegar ao objetivo desejado, apesar da tarefa ser árdua.

Assim, é importante mostrar as dificuldades no processo de alfabetização e letramento, trabalhando o pensamento do educando para a sociedade, ou seja, é fundamental que toda equipe gestora em prol de uma educação qualificada busque uma junção eficiente entre pais, professores e comunidade para identificar os problemas existentes no meio educacional e assim proporcionar diversas possibilidades de mudança pensando em um mundo melhor.

Na verdade, sem esquecer que é preciso resgatar, desde que for diagnosticado alguma dificuldade, o hábito de ler com satisfação e compreensão daquilo que se propõe a ler abrangendo capacidades desenvolvidas no processo de alfabetização que habilita o aluno a participação ativa nas práticas sociais e na

contribuição da sua aprendizagem. A leitura está presente na vida cotidiana sempre buscando compreensão e significados para o p1mundo. Para Paulo Freire (2000, p.5), “leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo, que nos interessa a viver”.

Desta forma, fica claro que o professor como mediador deve além da observação buscar métodos junto à equipe gestora com o intuito de solucionar as dificuldades de aprendizagem evitando assim o abandono escolar. Nesta medida, vários são os objetivos a serem atingidos a partir da superação das diversas dificuldades, a construção da identidade e do desenvolvimento do conhecimento do aluno, por isso é importante levar em consideração a autonomia da criança, interatividade e participação, tornando-os seres críticos, reflexivos e preparados para enfrentar desafios durante a vida.

Para tanto nesse processo é necessário levar em consideração que longo é o caminho do desenvolvimento da criança, caminho este que vai da dependência para a autonomia total, passando pela importante construção da identidade individual e social. Nesse processo, diversos fatores podem influenciar e fazer a diferença, entre estes a importância do brincar que certamente é um recurso fundamental quando o assunto é Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização e Letramento.

3 DESAFIOS DO LETRAMENTO NA ESCOLA INDÍGENA NOS ANOS INICIAIS: ANÁLISE NA EMIEIF AKAY JOMUYBU EM JACAREACANGA- PARÁ

3.1 CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA

A aldeia Pratati, da referida escola, está situada às margens do rio Cururu, em Jacareacanga- Pará e foi fundada em 1912, pelo cacique Bernardino Waro Munduruku, e quando chegou, morava com sua família em uma casa de taipa. E nela, esta localizada a EMIEIF Akay Jomuybo. Antes, seu nome era Escola Pratati, devido uma planta fibrosa, cujas fibras era usadas na tecelagem indígena, e servia também para amarras. Atualmente, chama-se malva da região, mas continua erva pratati, nome da aldeia.

Ademais, houve a necessidade de construir-se uma escola na aldeia. Frei Edmundo da Missão São Francisco contribuiu para concretizar essa ideia e ocorreu a fundação da ,mesma, e pagar um professor para alfabetizar cerca de 10 alunos apenas. A primeira professora foi Luiza Dace, que após 3 anos ocorreu uma grande mudança para melhor. Com isso, a Irmã Helena providenciou documentos para que garantisse uma escola legalizada e deu entrada nos documentos na secretaria do Estado.

Atualmente, trabalha-se a Educação Indígena, com a Educação Infantil e Ensino Fundamental e a escola tem como diretrizes, a LDB 9.394/96 e objetiva o desenvolvimento integral do aluno, em todos os aspectos, considerando que devem ser preparados para a sociedade.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para a produção deste trabalho, que abordou desafios do letramento na EMIEIF Akay Jomuybu no Município de Jacareacanga-Pará, consistiu em uma pesquisa teórica para embasamento, com autores específicos como (FREIRE, 1996), (GUERRA, 2002), (STERNBERG, R. J., & GRIGORENKO, E. L. (2003), (SIMONETTI, 2007), (SOARES, 1998) dentre outros e uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, em Abril de 2022, visando compreender os desafios do letramento na escola indígena pesquisada.

Foram necessárias algumas questões para nortear o trabalho, como: Quais são as dificuldades para o letramento de crianças indígenas nos anos iniciais?

Compreender causas dos problemas na cognição da criança indígena na Educação Infantil? Quais metodologias os professores utilizam para o letramento da criança indígena na Educação Infantil?

Objetivou- se analisar desafios do letramento de indígenas nos anos iniciais; Identificar dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita de indígenas; Compreender causas dos problemas do letramento na escola indígena; Refletir sobre metodologias dos professores para o letramento nos anos iniciais na escola indígena.

A fim de chegar- se aos resultados, os dados foram coletados por meio de questionários para entrevistas individuais com professores que trabalham na escola indígena, com coletas e análises de dados com discussão sobre as respostas, a sugestão de propostas contribuintes e a conclusão de todo o estudo, com os referenciais bibliográficos.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para esta pesquisa, foram entrevistados três professores que trabalham efetivamente na escola. Todos são do sexo masculino e Graduado em Pedagogia, com 28, 35 e 38 anos de idade, respectivamente. Todos trabalham na escola de cinco a nove anos, e apenas um professor já prestou serviços em outra instituição de ensino. Os docentes também estão pleiteando uma Pós- Graduação em sua área de estudos.

3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

Nas séries iniciais, o letramento é designado como a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita em contextos reais de uso, inicia-se um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita de forma deliberada em diversas situações sociais. A construção da linguagem escrita na criança faz parte de seu processo geral, se dá como um trabalho contínuo de elaboração cognitiva por meio de inserção no mundo da escrita pelas interações sociais e orais, considerando a significação que a escrita tem na sociedade.

Neste processo de aprendizagem da criança as duas modalidades de linguagem verbal dialogam-se na perspectiva do letramento, o qual vem sendo visto como um fator central, afeta a cognição por intermédio do desenvolvimento tanto na transformação conceitual do sujeito quanto na cultural, deve ser interpretado como

algo geral que vai além da competência para a escrita. Para iniciar a investigação, a questão sobre o significado de letramento.

Quadro 1- Para você, o que é “LETRAMENTO” ? **Fonte:** Professores da EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará/2022

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	O letramento é o ato de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita. Neste caso, se a pessoa tem ótima compreensão nos assuntos abordados, em vários aspectos da língua.
P2	Serve para alfabetizar na escrita e na leitura.
P3	É uma habilidade de saber ler e escrever de acordo com o contexto das práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita.

Os entrevistados afirmam que letramento, consiste no ler e escrever com precisão, compreender assuntos abordados, serve para alfabetizar e envolvem a escrita e a leitura nas práticas sociais.

A alfabetização pode ser entendida, então, como a aprendizagem da leitura e da escrita. Refere-se ao processo de apropriação e compreensão do sistema de escrita que leva o aluno a ler e a escrever com autonomia. O letramento, por sua vez, refere-se à aprendizagem dos usos sociais das atividades de leitura e escrita, quando assim for exigido em determinadas situações, de modo a atender às necessidades demandadas por elas. Esse documento define na Sessão II, que trata da educação infantil, de seu artigo 29 que,

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade [...] (CURY, 2002, p. 37)

Na realidade, as atividades de alfabetização e letramento, diferenciam-se, mas devem se desenvolver de forma integrada. Isto é, o desenvolvimento desses processos se dá por meio de atividades específicas referentes a cada um deles, mas que estejam intimamente vinculados de modo que uma complementa o outro.

Sobretudo, na sociedade que é permeada pela escrita, essas atividades fazem parte do contexto de muitas crianças que convivem, em maior ou menor grau, dependendo de seu meio social, com atividades e material de leitura e escrita. Com essa convivência, tanto a alfabetização quanto o letramento são ler e escrever corretamente. Questionou-se sobre a importância do letramento.

Quadro 2- Por que é importante ler e escrever corretamente? **Fonte:** Professores da EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará/2022

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Por que facilita o entendimento dos conceitos e contextos abordados.
P2	Para se entender melhor o que se escreveu, escrever corretamente, por que a escrita errada ninguém entende.
P3	É importante para todos, para melhor entender o que o outro fala e escreve, e o fato de saber ler e escrever também, corretamente, e buscar conhecimentos.

É importante ler e escrever corretamente, segundo os entrevistados, para melhor entender conceitos e contextos, considerando que escrita errada ninguém, compreende e especialmente para facilitar a busca do conhecimento.

Ao ingressarem na educação infantil e, por conseguinte, na pré-escola, as crianças já possuem certo grau de letramento. Em alguma medida, este pode, a partir de então, ser desenvolvido juntamente com as atividades de leitura e escrita que se realizam nessa etapa do ensino, dependendo do trabalho da educadora. Ou seja, do direcionamento dado por ela em sua prática, visando promover condições ao desenvolvimento desse processo e sua integridade para a vida.

Diante disso, ao se referir aos diferentes níveis e tipos de letramento que uma pessoa pode atingir, Soares (2004) afirmou que, tanto em relação à leitura quanto à escrita, esses níveis podem variar de acordo com as necessidades, demandas do indivíduo e do seu meio, além do contexto social e cultural a que pertencem.

Considera-se que a alfabetização, é um processo complexo e que não tem idade para acontecer, sobretudo se entendermos que a alfabetização não se dá pelo treino das habilidades de “decodificação” e “codificação” de códigos. Nesse sentido, a alfabetização na pré-escola deve considerar a leitura e a escrita como instrumentos culturais, complexos e interligados às diferentes experiências sociais e culturais que permeiam o mundo infantil (FILHO, 2009).

Neste sentido, faz-se necessário mostrar às crianças a função social da leitura e da escrita, ou seja, a importância e o funcionamento da escrita na sociedade. Para isso, o desenvolvimento de algumas atividades que possibilitam inserir as crianças em um contexto amplo, rico, fecundo e permeado de múltiplas linguagens, as quais, automaticamente, as levarão para a linguagem escrita, é essencial na educação infantil e, portanto, na pré-escola.

Mediante isso, é na educação infantil, a leitura e a escrita devem permanecer intimamente relacionadas à oralidade e às experiências culturais das

crianças, fazendo que a aquisição do código escrito seja compreendida como atividade de expressão, comunicação e registro de experiências. Também questionou-se a comunicação e a identidade humana.

Quadro 3- Explique por que a comunicação é a identidade do ser humano?
Fonte: Professores da EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará/2022

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Por que é um meio pelo qual a comunicação é um ato do ser humano, que expressa sua cultura, sua maneira de agir, do querer, e sua expressão se faz pela fala.
P2	É por que a gente faz contato com outras pessoas, dialogando e isso torna a identidade humana.
P3	Por que a comunicação influencia as redes sociais, coma função de dialogar e transmitir algo. Cada indivíduo tem sua forma de fazê-lo.

De acordo com o estudo, a comunicação é uma identidade humana por que é através dela que o ser humano consegue dialogar, falar, se comunicar, expressar sua cultura e tradições, transmitir algo, mesmo de formas diferenciadas, até pelas redes sociais.

Ao nascer, o indivíduo, é inserido na corrente na comunicação verbal, entretanto, a língua não se configura como algo pronto e acabado, ela está em um contínuo processo de construção. Além disso, em consenso com Bakhtin, reforçamos que os indivíduos são inseridos na teia social por meio da língua. É ela quem vai possibilitar aos mesmos o contato com a cultura, com as ideologias, com as identidades, tornando-se um instrumento para que eles possam interagir linguística e socialmente com seus semelhantes.

Como ser social, o ser humano é marcado por uma necessidade abissal de interagir com a realidade em que está circunscrito, pois necessita comunicar-se com o outro. Por meio desta comunicação, ele partilha sua visão de mundo, suas experiências, sentimentos, conhecimentos, enfim, sua cultura. Portanto, a língua de um grupo social é parte de sua cultura e tradição.

Na realidade, a língua, assim como a identidade e a cultura, também sofre transformações, por inserir-se na teia das relações sociais. Frente às mudanças que atingem vertiginosamente a sociedade em todos os setores, ela não poderia isentar-se desse movimento.

Neste sentido, a identidade é fluída, movente e está em constante processo de construção, assim como a língua e a cultura, que, apesar de possuírem um corpo sistemático que as constitui, não são prontas e acabadas. Nesse sentido, tanto a língua, quanto a cultura e a identidade fazem parte do processo de

constituição do indivíduo em sujeito. À seguir, as dificuldades do letramento nos anos iniciais.

Quadro 4- Quais são as dificuldades para o letramento de crianças indígenas nos anos iniciais
Fonte: Professores da EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará/2022

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	As dificuldades encontradas pelas crianças, é por que elas quando chegam na escola, estudam uma segunda Língua, que é a Língua Portuguesa, considerando que esta criança já tem sua Língua Materna. E tem os professores indígenas e não indígenas. Daí as dificuldades dos docentes compreenderem a Língua do outro.
P2	As dificuldades consistem em professores indígenas e não indígenas não entenderem direito a Língua do outro. E na escola fica mais difícil ainda ensinar.
P3	As dificuldades das crianças indígenas nos anos iniciais para o letramento são na realidade, não saber ler e nem escrever, por não compreender o português na mente deles.

Ao tratar- se das dificuldades para o letramento de crianças indígenas, constatou- se devido a questão de professores indígenas e não indígenas não entenderem o idioma um do outro, que as crianças já chegam à escola com sua Língua Materna e são ensinadas uma outra, totalmente diferente da sua, que é a Língua portuguesa, e as crianças não sabem ler e escrever com facilidades, devido o aspecto bilíngue a qual são submetidos.

Quando o aluno não possui o alicerce para alfabetização, que é esse processo de preparar a criança para ser alfabetizada de apresentá-la para esse mundo letrado, pode ser que este aluno futuramente tenha dificuldades em aprender a ler e escrever de ser alfabetizado, o que muitas vezes mesmo com essa dificuldade eles conseguem ler e escrever e outras vezes precisam do apoio de alguém para ajuda-lo de uma professora de apoio e reforço.

Já a criança que possui esse alicerce, que já teve o contato com a letra ou mesmo que alguém tenha lido uma história para ela ou que lhe foi apresentado um livro e ela o leu do seu jeito, ou seja, uma criança que já é familiarizada com as letras que de uma forma lúdica conheceu as vogais ela terá mais facilidade em aprender a ler e escrever. E por ser incentivada, terá gosto pela leitura e se tornará uma pessoa letrada, pois fará uso da leitura e da escrita com habilidades.

No entanto, infere-se, de tudo que foi dito, que o nível de letramento de grupos sociais relaciona-se fundamentalmente com suas condições sociais, culturais e econômicas. É preciso que haja, pois, condições para o letramento (SOARES, 2006, p.22)

O letramento transforma o ser humano, os deixam críticos e conscientes. Possuem capacidade de se expressarem e resolverem por si mesmo usando argumentos. Deve-se alfabetizar junto com o letramento para que haja uma aprendizagem de qualidade e formam pessoas que não apenas consegue ler e escrever o básico, mas sim que conseguem ler, escrever, produzir, interpretar, que consigam escrever o que sentem, o pensam sem terem dificuldades.

Portanto, essa missão se caracteriza em colocar o aluno diante do mundo, que às vezes, para ele não era possível. É proporcionar uma comunicação entre ele e a sociedade. Prosseguindo, abordou-se a visão dos docentes quanto ao letramento de crianças indígenas.

Quadro 5- Como os professores veem o letramento das crianças indígenas na Educação Infantil?
Fonte: Professores da EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará/2022

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Há muitas dificuldades no letramento das crianças indígenas, principalmente por ser a língua Portuguesa, sem deixar de lado a própria Língua materna.
P2	O letramento para as crianças indígenas é necessário para a vida futura deles. É preciso conhecer a outra Língua para uma comunicação interativa.
P3	É no letramento que se inicia a função de ler e escrever. E isso é necessário.

Ao abordar a visão dos professores quanto ao letramento na Educação Infantil indígena, os mesmos dizem que há dificuldades devido a segunda Língua, sem esquecer a materna. Também afirmam que o letramento é importante para a vida futura das crianças, para que haja uma comunicação interativa e é nessa fase que se inicia a função de ler e escrever com propriedade.

A educação infantil atualmente se orienta por uma função pedagógica. Nesse contexto, entende-se que essa etapa da educação básica desempenha papel fundamental no processo de ensino da leitura e da escrita das crianças. Isso porque esse é um processo de construção de conhecimento inerente à infância, não podendo ser ignorado pela instituição escolar.

Nessa perspectiva, devem-se considerar as contribuições tanto da creche quanto da pré-escola ao desenvolvimento da alfabetização e do letramento de seus alunos. É indiscutível a atuação do educador infantil de modo a contribuir para a formação de sujeitos que saibam ler e escrever com autonomia, isto é, capazes de fazer o uso competente dessas habilidades de acordo com as demandas sociais.

Em vista disso, esta investigação se desenvolveu em torno da temática das práticas de letramento e alfabetização na educação infantil, de modo específico, nos

anos finais dessa etapa de ensino, isto é, na pré-escola. Também investigou-se metodologias no letramento da Educação infantil Indígena.

Quadro 6- Quais metodologias os professores utilizam para o letramento da criança indígena na Educação Infantil? **Fonte:** Professores da EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará/2022

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	As metodologias são traduzidas do português mesmo, para as crianças entenderem melhor. Por meio da cultura nativa.
P2	Diversas formas para dar uma aula diferente, de acordo com os alunos. Também usamos a ludicidade que os alunos aprendem mais.
P3	Na Educação Infantil, os professores utilizam metodologias que estimulam os alunos a aprender, a participar de uma aula mais efetiva, utilizar os livros de leituras e demais materiais didáticos.

Quanto às metodologias para o letramento das crianças indígenas, os entrevistados responderam que as metodologias são baseadas na própria cultura indígena, utilizam-se de metodologias para o melhor aprendizado, e também demais estratégias para estimular e incentivar ao alunos a aprender mais, usam os livros de leituras e demais materiais didáticos em suas aulas.

A sala de Educação Infantil deve ser um espaço que motive e incentive a criança a descobrir o novo é nessa fase, na escola, que deve ser apresentado a 18 histórias, os contos, músicas e trabalhar o conhecimento dos objetos que estão ao seu redor.

É necessário respeitar o desenvolvimento e o ritmo da criança na Educação Infantil é indispensável. Apresentar a ela tudo o que ela pode aprender/descobrir, mas jamais exigir que ela saiba de tudo, esperar que a compreensão venha de acordo com o ritmo de cada criança.

[...] As crianças tenham a liberdade de expressão e que possam experimentar as múltiplas linguagens, como a música, a dança, artes, leituras da literatura infantil clássica e brasileira, histórias em quadrinhos, jogos, brinquedos e brincadeiras e tantas outras [...] (SOUZA, 2006, p. 277)

Considera-se que o letramento no contexto infantil, deve oportunizar aos alunos todo o tipo ou vários tipos de linguagens escritas e orais, como livros infantis, receitas, culinária, bulas de remédio, jornais, revistas, cartas, bilhetes, rótulos e tudo que se pode ler e escrever da realidade, que podem ser caracterizados como atividades de letramento.

O trabalho realizado na pré-escola deve, assim, considerar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita num processo de inserção no

contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. Isso remete ao questionamento das concepções de alfabetização e letramento das educadoras, pois elas determinam o seu fazer pedagógico e, com isso, a proeminência desses processos na aprendizagem infantil. Enfim, questionou-se a presença dos pais na escola.

Quadro 7- Há a presença efetiva dos pais na escola? Fale sobre. **Fonte:** Professores da EMIEIF Akay Jomuybu em Jacareacanga- Pará/2022

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Estão sempre presentes sim, na medida do possível, na saúde, educação e outros assuntos da comunidade.
P2	Sim, eles se fazem presente sim. E ajudam seus filhos no que precisar.
P3	Na escola, os pais tem sim, presença efetiva, outros observam os filhos na escola e e também ajudam com experiências e conselhos para a vida de seus filhos.

Os professores responderam que os pais contribuem sim, com seus filhos na escola, mesmo com conselhos e experiências para suas vidas, ou mesmo em casos de questões educacionais e de saúde.

Tanto o ambiente familiar ou a própria família, é apontada como parte fundamental do sucesso ou fracasso escolar. Desta forma, os pais com a parceria da escola devem fazer parte de qualquer trabalho educativo tendo como foco a formação de um cidadão crítico e pensante.

A família deve ser a maior responsável pela educação de seus filhos, devido estar sempre em contato com a criança no lar durante toda a fase de formação e desenvolvimento da personalidade. Por isso, não deve transmitir as responsabilidades para outra instituição, principalmente para a escola que tem como dever dar continuidade ao processo.

De acordo com Libâneo (2001), o campo da educação é bastante amplo, pois abarca as diferentes modalidades da educação: educação formal, informal e a não formal, e essas vão se distinguir pela espontaneidade do ato educativo, sistematização dos conteúdos, etc. Nessa perspectiva podemos afirmar que a família é um estreito âmbito, um mundo à parte, onde as pessoas podem vivenciar seus costumes, suas trocas, sua religião e aprendem a importância de respeitar e ser respeitado.

A escola por sua vez deve completar a tarefa da família aperfeiçoando o caráter e corroborando para as vivências sociais. A família também poderá contribuir com as práticas de leitura e de escrita, incentivando o treinamento das crianças em

casa, para que ao chegarem à escola, possam desenvolver o trabalho com mais facilidade, recebendo logo no início da aprendizagem o gosto pela leitura e pela escrita.

Assim, quando a família participa da educação de seus filhos, eles podem ter um melhor rendimento na escola, despertando o interesse e a curiosidade. A integração família e escola é um importante recurso para a melhoria na aprendizagem da criança, proporcionando melhor aproveitamento escolar, promovendo também a criança como pessoa humana integrada ao meio social e ao mercado de trabalho.

Portanto, é evidente que a família, enquanto instituição exerce grande influência sobre seus membros em todos os setores de suas vidas, inclusive no ensino. E as crianças levarão para a escola exatamente essas experiências vivenciadas em seu contexto familiar. Nessa perspectiva fica claro que a escola e as famílias são importantes para o processo na formação do educando como cidadão crítico e pensante, é necessário um trabalho conjunto com a família comprometido com o aprendizado do aluno, visando a alcançar melhorias na qualidade da relação família e escola.

3.5 PROPOSTAS DE CONTRIBUINTES.

Para que haja uma alfabetização com qualidade é necessário que todos os envolvidos tenham compromisso com a qualidade de ensino, com o conhecimento da necessidade dos alunos e que o professor escolha uma metodologia de alfabetização que se adapte com as crianças.

Diante disso, quando fala-se em todos os envolvidos, é para que se tenham o conhecimento que a alfabetização é um processo que é trabalhado em conjunto uma parceria do professor, escola com o aluno e a família. Todos devem estar juntos e remarem juntos para obterem sucesso nesse processo. E por mais que esses métodos não resolvam todo o problema de analfabetismo, ajudará e muito a diminuí-los. Diante disso, conforme a pesquisa na escola indígena, propõem-se as seguintes sugestões metodológicas a fim de contribuir com os professores, da escola investigada

1. Trabalhar metodologias diferentes em sala de aula.

2. Introduzir a ludicidade como jogos brinquedos e brincadeiras nas atividades escolares.
3. Desenvolver oficinas pedagógicas, abrangendo todas as disciplinas.
4. Utilizar-se de materiais diversos para a produção de objetos diferenciados pedagógicos.

Realmente, a ideia não é ensinar as crianças a ler na Educação Infantil e sim, apresentá-la à escrita para que quando elas forem alfabetizadas, tudo isso já seja comum para elas e o processo de ensinar a ler e escrever se torne mais fácil, pois não é algo desconhecido para elas.

É importante que o adulto, o professor ou responsável, desde cedo ao contar uma história para as crianças, ir mostrando as ilustrações e fazer perguntas durante a história para fixar e ajudar as crianças a entenderem o que estão ouvindo, ou seja, testar a compreensão.

É importante que os educadores tenham conhecimento da importância do letramento e do alfabetizar na maneira correta, para que assim as barreiras que impedem que os alunos sejam alfabetizados, sejam destruídas e nossa margem de analfabetos diminua, especialmente por meio de metodologias inovadoras e motivadoras.

CONCLUSÃO

É importante criar na criança um gosto pelo estudo e pela leitura e enquanto educadores e pais, todos são responsáveis para influenciar as crianças a se interessar por esse mundo letrado, cheio de histórias e descobrimento, e o melhor jeito de fazer isso é oferecer a elas um material variado de leitura, despertando o interessante de cada um para acontecer o desenvolvimento integral também e o descobrimento do mundo mágico pela leitura.

De acordo com a pesquisa, os professores responderam que o letramento é essencial na vida das crianças indígenas, que as dificuldades consistem devido a etnia conhecer sua Língua materna e precisar estudar uma segunda língua, a Portuguesa, mesmo mantendo a Língua materna.

Também afirmaram que as metodologias são utilizadas de acordo com os alunos, que trabalham a ludicidade para aulas mais interessantes, que ainda fazem uso de livros e materiais pedagógicos, como também ressaltaram que os pais contribuem com a educação e saúde dos filhos.

A Educação Infantil tem que se preocupar em proporcionar um ambiente alfabetizador, apresentando o mundo letrado através de histórias e imagens, apresentar as vogais, o mundo dos números, noções de grandezas e medidas, tudo com uma metodologia lúdica.

Essas estratégias com músicas, brincadeiras de uma maneira agradável que despertam o interesse da criança, jogos e brincadeiras, proporcionam noções de grandezas e medidas, e a descoberta por novidades que só as crianças tornam-se importantes e fascinadas

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARBATO, S. B.. **Letramento: Conhecimento, imaginação e leitura de mundo nas salas de inclusão de crianças de seis anos no ensino fundamental**. In: CHOLZE, L.; ROSING, T. M. K. (Org.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: Inep, 2007.
- BACHA, M.L. **Leitura na Primeira Série**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1975.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BRASIL. **Indicadores da qualidade na educação: dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita /Ação Educativa**. São Paulo: Ação Educativa, 2006.
- BRASIL. LDB - **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo no ciclo de alfabetização: perspectiva para uma educação do campo: educação do campo: unidade 01**. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.b
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **O ensino e a aprendizagem: os dois métodos**. In: **Alfabetização sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo. Scipione, 1999.
- CARVALHO, D.M.; ARAÚJO, S.C.F.; PINHEIRO, F.V.R.; DIAS, L.S. **Educação Infantil: desafios e perspectivas**. Paraná: PUCPR, 2015.
- CURY, Carlos R. J. **Lei de diretrizes e bases da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DOLLE, Jean-Marie. **Princípios para uma Pedagogia científica**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. **Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito**. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, Dec. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext. Acesso em: 13 Jun. 2022.
- FERREIRO, E. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Cad. Pesquisa., São Paulo, 1995.

FILHO, Altino J. M. **Alfabetização e educação infantil. Pátio educação Infantil.** Rio Grande do Sul, v. 7, n. 20, s/p, jul./out. 2009. Disponível em: Acesso em: 19 Maio. 2022.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão.** 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que completam.** 38 ed. São Paulo; Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 49ª ed, São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GONZÁLEZ REY, F. **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia.** São Paulo: Thomson. cap.2, p.27-52, 2003.

GROSSI, Gabriel Pillar. **Leitura e sustentabilidade.** Nova Escola, São Paulo, SP, nº 18, abr. 2008.

LANDSMANN, L. T. **Aprendizagem da linguagem escrita: processos evolutivos e implicações didáticas.** Trad. Cláudia Schilling. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2005.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2001.

LURIA, A. R. **O desenvolvimento da escrita na escrita.** In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 2006.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu Nacional, 2006. (Coleção Educação para Todos).

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança.** Rio de Janeiro: Difel, 2003.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

SOARES, M.B. **Aprender a escrever, ensinar a escrever**. In: ZACCUR, E. (org). 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A: SEPE, 2001.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUZA, J. F. **Prática pedagógica e formação de professores**. Recife: UFPE, 2009.

SILVA, Márcio; AZEVEDO, Marta. **Pensando as escolas dos povos indígenas no Brasil: o Movimento dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre**. In: LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luís Donisete. A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/UNESCO. 1995.

SMITH, F. (1999). **Compreendendo a leitura: uma abordagem psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artemed, 1998.

APÊNDICES



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC Nº. 2560 DE 15/09/03**

Este questionário é parte integrante de um Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- Pará, intitulado “Desafios do Letramento na Escola Indígena nos Anos Iniciais”.

QUESTIONÁRIOS PARA OS PROFESSORES

Identificação:

*Sexo: _____ Idade: _____

*Graduação: _____

*Pós- Graduação: _____

*Quantos anos trabalha nesta escola? _____

*Já trabalhou em outra instituição de ensino? _____

1. Para você, o que é “LETRAMENTO” ?

2. Por que é importante ler e escrever corretamente?

3. Explique por que a comunicação é a identidade do ser humano?

4. Quais são as dificuldades para o letramento de crianças indígenas nos anos iniciais?

5. Como os professores veem o letramento das crianças indígenas na Educação Infantil?

6. Quais metodologias os professores utilizam para o letramento da criança indígena na Educação Infantil?

7. Há a presença efetiva dos pais na escola? Fale sobre.

Obrigado!